

## Mão de obra importada ocupa menos de 1% das vagas formais no país

*Por Rodrigo Carro*

Empecilho ao aumento da produtividade no Brasil, a baixa qualificação da mão de obra está muito longe de ser compensada pela "importação" de talentos de outros países. Menos de 0,25% das vagas formais no mercado de trabalho nacional eram ocupados por estrangeiros em 2016. O percentual contrasta com a participação dos imigrantes na força de trabalho de países como Canadá (23,8%) e Estados Unidos (17,1%).

Além do cenário pouco atrativo no plano econômico e de segurança pública, o fluxo de profissionais de outros países para o Brasil é desestimulado por custos trabalhistas elevados, dificuldades na validação de diplomas e restrições impostas por associações de classe.

A forte desaceleração da economia brasileira a partir de 2014 fez o número estrangeiros inseridos no mercado de trabalho cair no ano retrasado. Dados do Observatório das Migrações Internacionais, do Ministério do Trabalho, indicam que havia 112,6 mil profissionais nascidos fora do país empregados em 2016, o equivalente a 0,24% do total de trabalhadores com carteira assinada no país (46,6 milhões). Em 2015, o total era de 127,1 mil.

Em termos percentuais, a participação internacional na força de trabalho brasileira encolheu nos últimos 11 anos. Em 2007, havia 293,9 mil estrangeiros empregados, o que representava 0,32% do mercado de trabalho, segundo estudo publicado em 2015 pelo economista Marcos Mendes, hoje assessor especial do Ministério da Fazenda. No trabalho, o Brasil aparece em 11º lugar num quadro comparativo de 15 países selecionados.

Em termos da participação de imigrantes no mercado de trabalho, o Brasil ficava atrás de Chile (1,69%), Coreia do Sul (1,87%), Grécia (6,51%) e Malásia (9,93%), entre outros. Na época, Canadá (20,13%) e EUA (14,14%) já se destacavam entre os países mais abertos aos profissionais nascidos fora do país. Desde então, a participação dos imigrantes na força de trabalho dos dois países só fez crescer. O Departamento de Estatísticas do Trabalho do governo americano calcula que no ano passado havia 27,4 milhões de

# INFORME

estrangeiros empregados legalmente no país, o que representava 17,1% da força de trabalho. No Canadá, o censo de 2016 identificou que quase um quarto (23,8%) das pessoas com capacidade para trabalhar eram imigrantes. "Não saímos do getulismo até hoje, da 'Carta del Lavoro' [legislação trabalhista promulgada por Mussolini, em 1927]", afirma o ex-economista do Banco Mundial Claudio Frischtak, que defende uma reforma imigratória no país e um sistema mais simples de validação dos diplomas estrangeiros no país.

Entre 2011 e 2014, o número de autorizações de trabalho temporário para estrangeiros caiu cerca de 20% para 44,2 mil, de acordo com dados do Ministério do Trabalho compilados por Frischtak, à frente da Inter.B Consultoria.

Ao longo do período, um padrão se repete: a maior parte dos profissionais autorizados trabalha em embarcações ou plataformas estrangeiras, num reflexo da presença internacional na indústria petrolífera. Mais de um terço dos profissionais que chegaram ao país em 2014 estava nessa categoria. Outra fatia significativa (22%) se enquadrava na condição de "artista ou desportista."

Sócio do escritório Peixoto & Cury Advogados e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Carlos Eduardo Dantas Costa destaca que a burocracia para trazer trabalhadores estrangeiros ao país diminuiu com a digitalização do processo, agora feito via internet. "É muito mais uma questão de competitividade, da atratividade do país, do que de burocracia", sustenta ele, numa referência aos altos índices de desemprego no país e ao recrudescimento da violência.

Costa cita como um complicador o fato de o imigrante ter de chegar ao país já empregado para ter direito à autorização de trabalho, mas destaca o alto volume de encargos trabalhistas como um fator de desestímulo às companhias interessadas em "importar" profissionais. "Geralmente o expatriado é um profissional mais bem pago", diz Costa. "E, tranquilamente, no Brasil os encargos e benefícios representam um acréscimo de 70% para a empresa."

Ao contrário do que aconteceu entre 2011 e 2013, quando o ritmo de expansão da economia brasileira seduzia talentos de fora do país, o mercado brasileiro está menos atraente, compara Caio Arnaes, gerente-sênior de recrutamento da empresa de recrutamento e seleção Robert Half. Isso dificulta o preenchimento de vagas em segmentos altamente aquecidos, como o de tecnologia da informação (TI).

No sentido inverso, desde o ano passado vem aumentando o número de profissionais nacionais de TI que trabalham em tempo integral para empresas estrangeiras, mesmo estando fisicamente alocados no Brasil.

# INFORME

## Para analistas, ritmo de criação de empregos caiu em maio

*Por Thais Carrança*

A greve dos caminhoneiros reduziu o ritmo da abertura de vagas formais em maio, mas ainda assim o mês deverá ter saldo positivo no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), preveem os economistas. A média das estimativas de 12 consultorias e instituições financeiras ouvidas pelo Valor Data aponta para a criação de cerca de 65 mil vagas formais em maio, resultado abaixo dos 115 mil empregos com carteira gerados em abril.

As estimativas variam de 41 mil a 91 mil. Se confirmada a média das projeções, será o quinto mês seguido de saldo positivo para o mercado de trabalho formal. Também será o melhor mês de maio para a geração de empregos com carteira desde 2013, quando foram criadas 72 mil vagas formais no mês - em 2015 e 2016 os saldos foram negativos e, em 2014, foram criadas 59 mil postos, na série sem ajuste sazonal. Ainda assim, o saldo será muito inferior à média histórica para meses de maio, que é de 127 mil.

## O que os economistas esperam

Projeções para saldo de vagas formais

Instituição	Mai/18
Bradesco	50.000
Fator	65.066
FGV	67.200
GO Associados	70.000
Infinity	79.000
Itaú	41.000
LCA Consultores	58.600
MCM Consultores	60.000
Parallaxis	87.796
Pezco	91.077
Safra	60.000
SulAmérica	56.000
<b>Média</b>	<b>65.478</b>

Fontes: Consultorias, instituições financeiras e Valor PRO

# INFORME

O Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre-FGV) projeta um saldo líquido positivo de 67 mil vagas formais em maio. Segundo Tiago Barreira, consultor do instituto, a paralisação da atividade no final do mês resultou em menor volume de contratações, mais demissões e não efetivação de trabalhadores temporários.

"Esperávamos um número semelhante ao mês de abril, pois maio é um mês de fortes contratações sazonais, mas isso não aconteceu por causa do efeito da greve", afirma.

O Ibre-FGV estima o impacto negativo do protesto de caminhoneiros em 40 mil postos formais de trabalho que deixaram de ser criados. No entanto, Barreira acredita que trata-se de um efeito temporário e que a geração de vagas com carteira assinada deve voltar a ficar acima dos 100 mil em junho.

"Esperamos que a economia sinta efeitos não permanentes dessa greve, mas dado os cenários mais pessimistas de PIB, talvez isso afete negativamente o Caged no ano", pondera. A FGV prevê a criação de 524 mil vagas formais em 2018, ou 627 mil com ajuste para incluir dados enviados com atraso.

A estimativa era de um milhão de vagas no início do ano, mas o dado foi revisado para baixo, devido à atividade fraca ao longo do primeiro trimestre.

Apesar do impacto esperado sobre o mercado de trabalho formal, Barreira acredita que a taxa de desemprego deve continuar em queda, passando dos 12,9% do trimestre encerrado em abril para 12,6% em maio e 12,3% em junho.

O consultor explica que isso acontece porque a taxa de desemprego - medida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua - é menos sensível à variação da atividade do que o emprego formal medido pelo Caged, por tratar-se de uma média móvel trimestral.

Além disso, o indicador de desemprego também é influenciado pela entrada e saída de pessoas do mercado de trabalho, já que a taxa é uma relação entre desocupados e população economicamente ativa (PEA). "O principal fator para a queda do desemprego desde o início deste ano foi a saída de pessoas da força de trabalho", diz Barreira.

O Ministério do Trabalho e Emprego ainda não tem data para divulgar o Caged. O indicador foi vazado para a imprensa antes de sua publicação oficial em todos os meses deste ano. Já o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulga a Pnad Contínua em 29 de junho.

# INFORME

## Monitor do PIB indica 0,1% de alta na atividade de abril

O Monitor do PIB, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta crescimento de 0,1% da atividade econômica no mês de abril, em comparação ao mês de março e retração de 0,4% no trimestre findo em abril, em comparação ao trimestre findo em janeiro, diz a FGV em relatório. Ambas as taxas foram calculadas na série livre de efeitos sazonais. Na comparação interanual, a atividade econômica cresceu 2,9% no mês de abril e 1,3% no trimestre móvel findo em abril.

O resultado da comparação com o mesmo mês no ano anterior foi fortemente influenciado pelos três dias úteis a mais no mês de abril deste ano, diz a FGV. Já o crescimento de 0,1% na comparação com março revela "certa estagnação", na avaliação da FGV.

Na comparação trimestral interanual, à exceção da agropecuária, que apresentou variação negativa no trimestre móvel findo em abril (-3,6%), indústria (2,7%) e serviços (1,8%) apresentaram as maiores taxas do ano nessa comparação. Pela ótica da demanda, todos os componentes tiveram desempenho positivo com destaque para o consumo das famílias (3,0%) e a formação bruta de capital fixo (5,7%).

Na comparação interanual, a FGV destaca o "desempenho excepcional" da transformação (10,8%), seguido por comércio (7,2%), transporte (7,1%) e impostos (6,5%). Nessa mesma base de comparação, construção teve crescimento positivo de 5,1% após retração durante 48 meses consecutivos. Na mesma base de comparação, houve queda apenas na agropecuária (-3,5%) e nos serviços de informação (-2,7%).

O consumo das famílias cresceu 3% no trimestre móvel findo em abril, na comparação interanual, diz a FGV. Todos os componentes apresentaram variação positiva, com destaque para o segmento de consumo de produtos duráveis que cresceu 17,3%, nessa comparação.

A formação bruta de capital fixo (FBCF) cresceu 5,7% no trimestre encerrado em abril, na comparação interanual, de acordo com o Monitor do PIB. Máquinas e equipamentos tiveram a maior contribuição para esta taxa (seis pontos percentuais) com variação de 18,1%. O segmento da construção, apesar de ainda estar negativo na variação trimestral interanual (-0,8%) teve pela primeira vez, após 48 meses de retração, variação positiva na taxa mensal interanual de abril com crescimento de 3,9%. A taxa de investimento, a preços constantes, foi de 17,7% no trimestre móvel findo em abril.

(Fonte: Valor Econômico – 20/06/2018)